

Esaú e Jacó





**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editora assistente** Malu Rangel  
**assistente editorial** Grazielle Gomes da Veiga  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Cláudia Cantarin, Alessandra Miranda de Sá

**arte**

**imagem da capa** Sem título, 1997, obra de Edgard de Souza  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**editor** Vinicius Rossignol Felipe  
**diagramadora** Thatiana Kalaes  
**editoração eletrônica** Carla Castilho | Estúdio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A866e  
13.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908  
Esaú e Jacó / Machado de Assis. - 13.ed. -  
São Paulo : Ática, 2011.  
240p. - (Bom Livro)

Apêndice  
ISBN 978 85 08 13191-4

1. Romance brasileiro. I. Título.

11-0073.

CDD 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 13191-4 (aluno)  
ISBN 978 85 08 13192-1 (professor)  
Código da obra CL 736801

2013  
13ª edição  
2ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | Cep 02909-900 | São Paulo | SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

Um romance “histórico”? 9

Advertência 15

I Coisas futuras! 17

II Melhor de descer que de subir 21

III A esmola da felicidade 22

IV A missa do coupé 24

V Há contradições explicáveis 27

VI Maternidade 27

VII Gestaçãõ 29

VIII Nem casal, nem general 31

IX Vista de palácio 34

X O juramento 35

XI Um caso único! 38

XII Esse Aires 39

XIII A epígrafe 41

XIV A lição do discípulo 42

XV Teste David cum Sibylla 43

XVI Paternalismo 46

XVII Tudo o que restrinjo 46

XVIII De como vieram crescendo 47

XIX Apenas duas. — Quarenta anos. Terceira causa 49

XX A joia 52

XXI Um ponto escuro 53

XXII Agora um salto 54

XXIII Quando tiverem barbas 55

XXIV Robespierre e Luís XVI	57
XXV D. Miguel	60
XXVI A luta dos retratos	60
XXVII De uma reflexão intempestiva	62
XXVIII O resto é certo	63
XXIX A pessoa mais moça	64
XXX A gente Batista	64
XXXI Flora	67
XXXII O aposentado	68
XXXIII A solidão também cansa	70
XXXIV Inexplicável	71
XXXV Em volta da moça	72
XXXVI A discórdia não é tão feia como se pinta	74
XXXVII Desacordo no acordo	75
XXXVIII Chegada a propósito	76
XXXIX Um gatuno	80
XL “Recuerdos”	81
XLI Caso do burro	82
XLII Uma hipótese	83
XLIII O discurso	84
XLIV O salmão	86
XLV Musa, canta...	88
XLVI Entre um ato e outro	89
XLVII S. Mateus 4, 1-10	89
XLVIII Terpsícore	93
XLIX Tabuleta velha	97
L O tinteiro de Evaristo	99
LI Aqui presente	101
LII Um segredo	102
LIII De confidências	105
LIV Enfim, só!	109
LV “A mulher é a desolação do homem”	109
LVI O golpe	110
LVII Das encomendas	111
LVIII Matar saudades	113
LIX Noite de 14	114
LX Manhã de 15	117
LXI Lendo Xenofonte	119
LXII “Pare no D.”	120

LXIII	Tabuleta nova	121
LXIV	Paz!	124
LXV	Entre os filhos	126
LXVI	O basto e a espadilha	128
LXVII	A noite inteira	129
LXVIII	De manhã	131
LXIX	Ao piano	132
LXX	De uma conclusão errada	133
LXXI	A comissão	135
LXXII	O regresso	136
LXXIII	Um Eldorado	138
LXXIV	A alusão do texto	140
LXXV	Provérbio errado	143
LXXVI	Talvez fosse a mesma!	143
LXXVII	Hospedagem	144
LXXVIII	Visita ao marechal	146
LXXIX	Fusão, difusão, confusão	147
LXXX	Transfusão, enfim	148
LXXXI	Ai, duas almas...	149
LXXXII	Em S. Clemente	151
LXXXIII	A grande noite	151
LXXXIV	O velho segredo	155
LXXXV	Três constituições	156
LXXXVI	Antes que me esqueça	157
LXXXVII	Entre Aires e Flora	158
LXXXVIII	Não, não, não	160
LXXXIX	O dragão	160
XC	O ajuste	161
XCI	Nem só a verdade se deve às mães	164
XCII	Segredo acordado	166
XCIII	Não ata nem desata	168
XCIV	Gestos opostos	169
XCV	O terceiro	170
XCVI	Retraimento	173
XCVII	Um Cristo particular	173
XCVIII	O médico Aires	174
XCIX	A título de ares novos	176
C	Duas cabeças	177
CI	O caso embrulhado	178

CII Visão pede meia sombra	179
CIII O quarto	180
CIV A resposta	182
CV A realidade	184
CVI Ambos quais?	185
CVII Estado de sítio	187
CVIII Velhas cerimônias	188
CIX Ao pé da cova	189
CX Que voa	190
CXI Um resumo de esperanças	191
CXII O primeiro mês	192
CXIII Uma Beatriz para dois	194
CXIV Consultório e banca	195
CXV Troca de opiniões	196
CXVI De regresso	197
CXVII Posse das cadeiras	198
CXVIII Coisas passadas, coisas futuras	200
CXIX Que anuncia os seguintes	202
CXX Penúltimo	202
CXXI Último	204

Vida & obra 207

Resumo biográfico 233

Obras do autor 235

Obra da capa 237

# UM ROMANCE “HISTÓRICO”?

Dirce Côrtes Riedel

Ensaísta e crítica literária, foi professora titular de Literatura Brasileira e coordenadora dos cursos de mestrado em Literatura Brasileira e de doutorado em Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Faleceu em 2003.

A narrativa do romance *Esau e Jacó* se submete à visão de mundo do Conselheiro Aires. Os fatos falam através do seu ponto de vista. O seu discurso, que o narrador assume, passando a mero intermediário, é a *maquillage* da realidade da matéria narrada. No prefácio, o autor diz que encontrou, entre os manuscritos de Aires, um diário — o *Memorial* — e uma narrativa com o título *Último*. Esta é que o autor aproveita, denominando-a *Esau e Jacó*.

Temos, portanto, uma narrativa em 3ª pessoa, em que o “ele” é o “eu” do Conselheiro, para exprimir um conjunto de ideias e imagens por ele associadas, matéria vivida, que chega realmente a existir porque, no real pensado, passa a ser conscientizado na *durée* do velho diplomata aposentado.

Aires representa alguém que ironicamente possui a verdade, ou sobre ela reflete. É a sua posição ideológica que fundamenta a narrativa, reforçada pelo seu discurso direto como personagem. A narrativa se constrói com a palavra do narrador sobre a palavra de um personagem — a palavra de Aires, o seu sistema de valores, a sua atitude diante dos valores humanos, a sua consciência reflexiva (todo sistema de valores exige que a literatura o substitua). Aires é um personagem criado pelo narrador para servir de paradigma à sua própria criação. Ele é quem esclarece os “comos” e os “porquês” de situações e procedimentos dos personagens. Ele é quem opina sobre a significação da matéria narrada, mesmo que não possa esclarecer todos os enigmas.

A personalidade poética do Conselheiro é apreendida através do seu discurso, assumido pelo narrador, e através de sua própria atuação no romance, em que tudo é dirigido para a “sua” verdade, para a “sua” lógica. A utilização de trechos do *Memorial*, como documentos originais, tem por fim deixar falar o próprio objeto da narrativa — a visão do mundo de Aires. A incorporação desses documentos torna *Esau e Jacó* uma narrativa “histórica” dentro da realidade do conjunto da obra de Machado,

pois o Conselheiro é uma espécie de síntese de certos aspectos essenciais da maneira de ser de personagens narradores dos textos machadianos<sup>1</sup>. Acresce que toda obra literária representa a totalidade de uma camada do mundo. E há uma camada histórica que é cenário direto de *Esau e Jacó*: a transformação do nosso regime imperial em regime republicano. A sonda lançada na vida dos personagens é lançada também na totalidade da vida<sup>2</sup>. A ambiência histórica não é mero *décor*, é condição da existência dos personagens, vivida pela visão de cada um e penetrada pela condição de observador complacente de um deles.

Os registros do Conselheiro, anotados pelo narrador, podem ser lidos como metáforas da maneira de pensar de personagens e narradores, e o próprio Aires pode ser lido como metáfora de si próprio como personagem, e também como metáfora de um narrador-síntese, que, por sua vez, é uma metáfora do autor implícito nas principais narrativas de Machado.

O Conselheiro Aires, como narrador direto ou indireto (em *Memorial de Aires* e em *Esau e Jacó*), constrói um personagem que é a sua metaforização — um “ator aposentado” —, dando à sua metáfora complacentes apelativos: “querido velho”, “querido amigo”, “velho diplomata”, “meu velho Aires, trapalhão da minha alma”... O personagem se põe de fora observando-se a si mesmo no mesmo plano em que analisa os outros personagens, e compõe um figurante sereno de ex-ministro, de diplomata jubilado:

— que, tendo adquirido hábitos europeus, compõe sempre uma atitude composta;

— que tem a paixão de reviver o passado, quando, “entregue à insipidez dos outros”, tenta “fugir-lhe pela memória, recordando sensações, vivendo quadros, viagens, pessoas”;

— que tem o gosto da reflexão e da análise, com sensibilidade para as nuances, para as sutilezas;

— que tem percepção poética, policiando o seu estilo para despi-lo de ornatos;

— que tem o amor da precisão vocabular e, por isso, fala metaforicamente, repensando as imagens e discutindo a metáfora, numa posição de humorista, que a propõe como ornamento mas a realiza como valor de

---

1 RIEDEL, Dirce Côrtes. “A mesma flor eterna.” In: *Metáfora – o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

2 BROCH, Herman. “L’héritage mythique de la littérature.” In: *Création littéraire et connaissance*. Paris: Gallimard, 1966.

verdade de uma sociedade burguesa, nunca separada das contingências históricas, existenciais;

— que vive do que ouve aos outros, o que ele explica por uma frustração, já que a diplomacia que exerceu na vida era antes função decorativa;

— que tem necessidade de fugir à solidão, querendo “ouvir a outra gente, ouvi-la, cheirá-la, gostá-la, apalpá-la, aplicar todos os sentidos, a um mundo que podia matar o tempo, o imortal tempo”;

— que tem, no entanto, o feitio do solteirão;

— que contempla, à distância, fleugmático, o espetáculo público da vida, considerando “quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder, uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes”;

— que é complacente, conciliador e fatalista, tendo “tédio à contro-versia” e usando fazer gestos “de dois sexos” que deixam “os partidos quietos, e mais quieto a si mesmo”;

— que chega a uma concepção idealista do tempo, procurando vencer a revolta contra a “insuficiência humana”, diante do fluir temporal e da inconsistência das coisas, ao compreender que o tempo é um dragão “juntamente vivo e defunto”, e tanto vale “matá-lo quanto nutri-lo”;

— que tem mocidade permanente — uma coerente unidade de visão da vida — e, preferindo aceitar hipóteses, para evitar debates, costuma apalpar a botoeira, onde viça sempre “a mesma flor eterna”.

Na tessitura deste romance, o tempo é intuição no sentido kantiano, é duração temporal com relação à individualidade humana, é forma da consciência, da nossa intuição sensível<sup>3</sup>. Duas metáforas centrais se encaixam na sintagmática da narrativa (capítulos XXI e XXII: “O tempo é um rato roedor das coisas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto” e “... o tempo é um tecido invisível onde se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro”).

Lidas isoladamente, desgarradas do seu contexto, a primeira metáfora (“rato roedor das coisas”) parece atribuir ao tempo realidade objetiva, inerente às coisas, enquanto a segunda parece configurar o tempo como condição subjetiva, intuição do nosso estado interior. No entanto, recon-

---

3 RIEDEL, Dirce Côrtes. *O tempo no romance machadiano*. Rio de Janeiro: São José, 1959.

duzidas ao seu contexto, lidas nas relações estruturais, a segunda imagem desenvolve a primeira, atenuando a agressividade desta e abrindo perspectivas antitéticas — para um idealismo vago (“se pode bordar tudo”) ou para um niilismo apresentado com a sutil crueldade lúcida do humor (“Também se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro”).

Também na primeira metáfora, como na segunda, o tempo e o espaço são formas puras da nossa sensibilidade, estão em nós. Na representação do tempo é que se realizam a mudança e o movimento. Tempo e espaço precedem a experiência e a possibilitam, pois são as formas pelas quais o mundo sensível é revelado à nossa consciência. A afirmativa do narrador de que “nem todas [as explicações] seriam estritamente exatas”, seguida, no mesmo período, pela metáfora “rato roedor das coisas”, refere-se diretamente às explicações do personagem, que está em outro plano do tempo em relação ao fato narrado, mas, indiretamente, também pode se referir aos esclarecimentos do narrador, já num terceiro plano temporal, em que narra o narrado do narrado.

O que a metáfora, lida isoladamente, não permite perceber é que se trata de *durée*, no sentido de tempo pensado, tempo de memória, o que é dito pela relação com os períodos que seguem à própria metáfora:

Demais, a matéria era tão propícia ao alvoroço que facilmente traria confusão à memória. Há, nos mais graves acontecimentos, muitos pormenores que se perdem, outros que a imaginação inventa para suprir os perdidos, e nem por isso a história morre.

A história é composta da leitura dos fatos pela memória, ou melhor, a realidade objetiva passa a ser produto da realidade subjetiva do sujeito que a pensa, e, pensando-a, realiza a sua realidade (realidade interior, que passa a constituir, a organizar a realidade exterior espaço-temporal). Assim é que a metáfora temporal do capítulo XXII, de certo modo, retoma a do capítulo XXI.

Também a realidade subjetiva da inexplicável Flora, pensando a realidade objetiva de Pedro e Paulo, realiza paradoxos em que as duas realidades trocam de posição, fundindo-se os contrários<sup>4</sup>. No delírio dessa “Beatriz para dois”, o paradoxo se torna aparente: ela desconhece os gêmeos, para poder fundi-los, e realiza no imaginário o “escamoteio das percepções”.

---

4 RIEDEL, Dirce Côrtes. “Uma Beatriz para dois.” In: *Metáfora – o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.



**Esaú e Jacó**



Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: *Último*.

A razão desta designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, mas não fazia parte do *Memorial*, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos e era a matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem de datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seis cadernos. *Último* por quê?

A hipótese de que o desejo do finado fosse imprimir este caderno em seguida aos outros, não é natural, salvo se queria obrigar a leitura dos seis, em que tratava de si, antes que lhe conhecessem esta outra história, escrita com um pensamento interior e único, através das páginas diversas. Nesse caso, era a vaidade do homem que falava, mas a vaidade não fazia parte dos seus defeitos. Quando fizesse, valia a pena satisfazê-la? Ele não representou papel eminente neste mundo; percorreu a carreira diplomática, e aposentou-se. Nos lazes do ofício, escreveu o *Memorial*, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.

Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. *Ab ovo*<sup>1</sup>, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez:

ESAÚ E JACÓ<sup>2</sup>

1 **ab ovo**: do latim, “desde o ovo”, isto é, desde a origem, desde o começo. (N.E.)

2 **Esau e Jacó**: na Bíblia cristã, filhos de Isaac e Rebeca. Como Rebeca era estéril, Isaac ora a Deus por um filho. Quando Rebeca concebe, sente os filhos lutando em seu ventre e consulta a Deus, que lhe responde: “Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço”. Mais tarde, Esau, que era o mais velho, vende seu direito de primogenitura a Jacó por um prato de lentilhas. (N.E.)





## Coisas futuras!

Era a primeira vez que as duas iam ao Morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo.

Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam. Uma crioula perguntou a um sargento: “Você quer ver que elas vão à cabocla?” E ambos pararam a distância, tomados

---

1 **Dico, che quando l'anima mal nata...**: do italiano, “Digo, que quando a alma (é) malnascida”. Verso extraído de *A Divina Comédia*, obra do poeta renascentista italiano Dante Alighieri (1265?-1321). No verso, o poeta fala sobre uma alma que transforma em mal o bem da vida doado por Deus. (N.E.)

daquele invencível desejo de conhecer a vida alheia, que é muita vez toda a necessidade humana.

Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da cabocla, até que deram com ele. A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. Quiseram entrar depressa, mas esbarraram com dois sujeitos que vinham saindo, e coseram-se ao portal. Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha.

— Perdem o seu tempo, concluiu furioso, e não de ouvir muito disparate...

— É mentira dele, emendou o outro rindo; a cabocla sabe muito bem onde tem o nariz.

Hesitaram um pouco; mas, logo depois advertiram que as palavras do primeiro eram sinal certo da vidência e da franqueza da adivinha; nem todos teriam a mesma sorte alegre. A dos meninos de Natividade podia ser miserável, e então... Enquanto cogitavam passou fora um carteiro, que as fez subir mais depressa, para escapar a outros olhos. Tinham fé, mas tinham também vexame da opinião, como um devoto que se benzesse às escondidas.

Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado, esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registo da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e roído, mas não metia medo. Sobre uma cadeira, uma viola.

— Minha filha já vem, disse o velho. As senhoras como se chamam?

Natividade deu o nome de batismo somente, Maria, como um véu mais espesso que o que trazia no rosto, e recebeu um cartão, — porque a consulta era só de uma, — com o número 1012. Não há que pasmar do algarismo; a freguesia era numerosa, e vinha de muitos meses. Também não há que dizer do costume, que é velho e velhíssimo. Relê Ésquilo, meu amigo, relê as *Eumênides*, lá verás a Pítia<sup>2</sup>, chamando os que iam à consulta: “Se há aqui Helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, *na ordem marcada pela sorte...*” A sorte outrora, a numeração agora, tudo é que a verdade se ajuste à

---

2 **Ésquilo, *Eumênides* e Pítia:** Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.) é considerado o criador da tragédia grega, gênero teatral vivo até os dias de hoje. Entre suas peças mais conhecidas constam: *Prometeu acorrentado*, *Os persas*, *As suplicantes* e a trilogia *A oréstia*, composta pelas peças *Agamenon*, *As coéforas* e *As eumênides* (isto é, “as benevolentes”). Pítia era a sacerdotisa do templo de Apolo que pronunciava oráculos. Suas previsões de duplo sentido eram interpretadas pelos consulentes de acordo com seus próprios desejos ou temores. As palavras que o narrador atribui à Pítia estão no prólogo de *As eumênides*. (N.E.)

prioridade, e ninguém perca a sua vez de audiência. Natividade guardou o bilhete, e ambas foram à janela.

A falar verdade, temiam o seu tanto, Perpétua menos que Natividade. A aventura parecia audaz, e algum perigo possível. Não ponho aqui os seus gestos; imaginai que eram inquietos e desconcertados. Nenhuma dizia nada. Natividade confessou depois que tinha um nó na garganta. Felizmente, a cabocla não se demorou muito; ao cabo de três ou quatro minutos, o pai a trouxe pela mão, erguendo a cortina do fundo.

— Entra, Bárbara.

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

— Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?

— São.

— Cara de um é cara de outro.

— São gêmeos; nasceram há pouco mais de um ano.

— As senhoras podem sentar-se.

Natividade disse baixinho à outra que “a cabocla era simpática”, não tão baixo que esta não pudesse ouvir também; e daí pode ser que ela, receosa da predição, quisesse aquilo mesmo para obter um bom destino aos filhos. A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos defronte de si. Olhou alternadamente para eles e para a mãe, fez algumas perguntas a esta, e ficou a mirar os retratos e os cabelos, boca aberta, sobrancelhas cerradas. Custa-me dizer que acendeu um cigarro, mas digo, porque é verdade, e o fumo concorda com o ofício. Fora, o pai roçava os dedos na viola, murmurando uma cantiga do sertão do Norte:

Menina da saia branca,  
Saltadeira de riacho...

Enquanto o fumo do cigarro ia subindo, a cara da adivinha mudava de expressão, radiante ou sombria, ora interrogativa, ora explicativa. Bárbara inclinava-se aos retratos, apertava uma madeixa de cabelos em cada mão, e fitava-as, e cheirava-as, e escutava-as, sem a afetação que porventura aches nesta linha. Tais gestos não se poderiam contar naturalmente. Natividade não tirava os olhos dela, como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.

— Brigado?

— Brigado, sim, senhora.

— Antes de nascer?

— Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. Ergueu-se pouco depois, e andou à volta da mesa, lenta, como sonâmbula, os olhos abertos e fixos; depois entrou a dividi-los novamente entre a mãe e os retratos. Agitava-se agora mais, respirando grosso. Toda ela, cara e braços, ombros e pernas, toda era pouca para arrancar a palavra ao Destino. Enfim, parou, sentou-se exausta, até que se ergueu de salto e foi ter com as duas, tão radiante, os olhos tão vivos e cálidos, que a mãe ficou pendente deles, e não se pôde ter que lhe não pegasse das mãos e lhe perguntasse ansiosa:

— Então? Diga, posso ouvir tudo.

Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...

— Coisas futuras! murmurou finalmente a cabocla.

— Mas, coisas feias?

— Oh! não! não! Coisas bonitas, coisas futuras!

— Mas isso não basta; diga-me o resto. Esta senhora é minha irmã e de segredo, mas se é preciso sair, ela sai; eu fico, diga-me a mim só... Serão felizes?

— Sim.

— Serão grandes?

— Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem?

Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!

Lá dentro, a voz do caboclo velho ainda uma vez continuava a cantiga do sertão:

Trepa-me neste coqueiro,  
Bota-me os cocos abaixo.

E a filha, não tendo mais que dizer, ou não sabendo que explicar, dava aos quadris o gesto da toada, que o velho repetia lá dentro:

Menina da saia branca,  
Saltadeira de riacho,  
Trepa-me neste coqueiro,  
Bota-me os cocos abaixo.  
Quebra coco, sinhá,  
Lá no cocá,  
Se te dá na cabeça,  
Há de rachá;  
Muito hei de me ri,  
Muito hei de gostá,  
Lelé, cocô, naiá.



## Melhor de descer que de subir

Todos os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se. Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as coisas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Creso<sup>3</sup> à Pítia. Arrecadou os retratos e os cabelos, e as duas saíram, enquanto a cabocla ia para os fundos, à espera de outros. Já havia alguns fregueses à porta, com os números de ordem, e elas desceram rapidamente, escondendo a cara.

---

3 **Creso:** soberano grego, último rei da Lídia, viveu no século VI a.C. Conta-se que, hesitando antes de guerrear contra os persas, consultou a sacerdotisa Pítia, que o advertiu: “Se fores à guerra, destruirás um grande império”. O monarca, então, partiu para a luta – e o império destruído foi o dele próprio. (N.E.)

Perpétua compartia as alegrias da irmã, as pedras também, o muro do lado do mar, as camisas penduradas às janelas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas<sup>4</sup>, que ia a dobrar a esquina da Rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço. Natividade estava tão fora de si que, ao ouvir-lhe pedir: “Para a missa das almas!” tirou da bolsa uma nota de dois mil-réis, nova em folha, e deitou-a à bacia. A irmã chamou-lhe a atenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatório.

E seguiram lépidas para o *coupé*<sup>5</sup>, que as esperava no espaço que fica entre a Igreja de S. José e a Câmara dos Deputados. Não tinham querido que o carro as levasse até ao princípio da ladeira, para que o cocheiro e o lacai não desconfiassem da consulta. Toda a gente falava então da cabocla do Castelo, era o assunto da cidade; atribuíam-lhe um poder infinito, uma série de milagres, sortes, achados, casamentos. Se as descobrissem, estavam perdidas, embora muita gente boa lá fosse. Ao vê-las dando a esmola ao irmão das almas, o lacai trepou à almofada e o cocheiro tocou os cavalos, a carruagem veio buscá-las, e guiou para Botafogo.



## A esmola da felicidade

— Deus lhe acrescente, minha senhora devota! exclamou o irmão das almas ao ver a nota cair em cima de dois níqueis de tostão e alguns vinténs antigos. Deus lhe dê todas as felicidades do céu e da terra, e as almas do purgatório peçam a Maria Santíssima que recomende a senhora dona a seu bendito filho!

Quando a sorte ri, toda a natureza ri também, e o coração ri como tudo o mais. Tal foi a explicação que, por outras palavras menos especulativas, deu o irmão das almas aos dois mil-réis. A suspeita de ser a nota falsa não chegou a tomar pé no cérebro deste: foi alucinação rápida. Compreendeu que as damas eram felizes, e, tendo o uso de pensar alto, disse piscando o olho, enquanto elas entravam no carro:

---

4 **irmão das almas**: membro de irmandade religiosa que se dedicava a pedir esmolas para a congregação a que pertencia. Parte do dinheiro arrecadado era empregada em missas pelas almas daqueles que morriam anonimamente. (N.E.)

5 **coupé**: do francês, carruagem elegante de quatro rodas e dois assentos, toda fechada. (N.E.)

— Aquelas duas viram passarinho verde, com certeza.

Sem rodeios, supôs que as duas senhoras vinham de alguma aventura amorosa, e deduziu isto de três fatos, que sou obrigado a enfileirar aqui para não deixar este homem sob a suspeita de caluniador gratuito. O primeiro foi a alegria delas, o segundo o valor da esmola, o terceiro o carro que as esperava a um canto, como se elas quisessem esconder do cocheiro o ponto dos namorados. Não concluas tu que ele tivesse sido cocheiro algum dia, e andasse a conduzir moças antes de servir às almas. Também não creias que fosse outrora rico e adúltero, aberto de mãos, quando vinha de dizer adeus às suas amigas. *Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité*<sup>6</sup>. Era um pobre-diabo sem mais ofício que a devoção. Demais, não teria tido tempo; contava apenas vinte e sete anos.

Cumprimentou as senhoras, quando o carro passou. Depois ficou a olhar para a nota tão fresca, tão valiosa, nota que almas nunca viram sair das mãos dele. Foi subindo a Rua de S. José. Já não tinha ânimo de pedir; a nota fazia-se ouro e a ideia de ser falsa voltou-lhe ao cérebro, e agora mais frequente, até que se lhe pegou por alguns instantes. Se fosse falsa... “Para a missa das almas!” gemeu à porta de uma quitanda, e deram-lhe um vintém, — um vintém sujo e triste, ao pé da nota tão novinha que parecia sair do prelo. Seguia-se um corredor de sobrado. Entrou, subiu, pediu, deram-lhe dois vinténs, — o dobro da outra moeda no valor e no azinhavre.

E a nota sempre limpa, uns dois mil-réis que pareciam vinte. Não, não era falsa. No corredor pegou dela, mirou-a bem; era verdadeira. De repente, ouviu abrir a cancela em cima, e uns passos rápidos. Ele, mais rápido, amarrotou a nota e meteu-a na algibeira das calças; ficaram só os vinténs azinhavrados e tristes, o óbolo da viúva. Saiu, foi à primeira oficina, à primeira loja, ao primeiro corredor, pedindo longa e lastimosamente:

— Para a missa das almas!

Na igreja, ao tirar a opa, depois de entregar a bacia ao sacristão, ouviu uma voz débil como de almas remotas que lhe perguntavam se os dois mil-réis... Os dois mil-réis, dizia outra voz menos débil, eram naturalmente dele, que, em primeiro lugar, também tinha alma, e, em segundo lugar, não recebera nunca tão grande esmola. Quem quer dar tanto vai à igreja ou compra uma vela, não põe assim uma nota na bacia das esmolos pequenas.

Se minto, não é de intenção. Em verdade, as palavras não saíram assim

6 *Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité*: do francês, “Nem tal excesso de honra, nem tal indignidade”. Fala extraída da peça *Britannicus*, do dramaturgo francês Racine (1639-1699), drama baseado em um período da história romana. Tal sentença é a resposta da personagem Júnia, prisioneira de Nero, quando ele lhe propõe casamento. (N.E.)

articuladas e claras, nem as débeis, nem as menos débeis; todas faziam uma zoeira aos ouvidos da consciência. Traduzi-as em língua falada, a fim de ser entendido das pessoas que me leem; não sei como se poderia transcrever para o papel um rumor surdo e outro menos surdo, um atrás de outro e todos confusos para o fim, até que o segundo ficou só: “não tirou a nota a ninguém... a dona é que a pôs na bacia por sua mão... também ele era alma...” À porta da sacristia que dava para a rua, ao deixar cair o reposteiro azul-escuro debruado de amarelo, não ouviu mais nada. Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e sebento; meteu vagarosamente a mão no bolso do colete, também roto; e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho. Eram dois vinténs; ficavam-lhe mil novecentos e noventa e oito réis. E o mendigo, como ele saísse depressa, mandou-lhe atrás estas palavras de agradecimento, parecidas com as suas:

— Deus lhe acrescente, meu senhor, e lhe dê...

## IV

### A missa do *coupé*

Natividade ia pensando na cabocla do Castelo, na predição da grandeza e na notícia da briga. Tornava a lembrar-se que, de fato, a gestação não fora sossegada; mas só lhe ficava a sorte da glória e da grandeza. A briga lá ia, se a houve; o futuro, sim, esse é que era o principal ou tudo. Não deu pela Praia de Santa Luzia. No Largo da Lapa interrogou a irmã sobre o que pensava da adivinha. Perpétua respondeu que bem, que acreditava, e ambas concordaram que ela parecia falar dos próprios filhos, tal era o entusiasmo. Perpétua ainda a repreendeu pelos cinquenta mil-réis dados em paga; bastavam vinte.

— Não faz mal. Coisas futuras!

— Que coisas serão?

— Não sei; futuras.

Mergulharam outra vez no silêncio. Ao entrar no Catete, Natividade recordou a manhã em que ali passou, naquele mesmo *coupé*, e confiou ao marido o estado de gravidez. Voltavam de uma missa de defunto, na Igreja de S. Domingos...

“Na Igreja de S. Domingos diz-se hoje uma missa por alma de João de Melo, falecido em Maricá.” Tal foi o anúncio que ainda agora podes ler em

algumas folhas de 1869. Não me ficou o dia, o mês foi agosto. O anúncio está certo, foi aquilo mesmo, sem mais nada, nem o nome da pessoa ou pessoas que mandaram dizer a missa, nem hora, nem convite. Não se disse sequer que o defunto era escrivão, ofício que só perdeu com a morte. Enfim, parece que até lhe tiraram um nome; ele era, se estou bem informado, João de Melo e Barros.

Não se sabendo quem mandava dizer a missa, ninguém lá foi. A igreja escolhida deu ainda menos relevo ao ato; não era vistosa, nem buscada, mas velhota, sem galas nem gente, metida ao canto de um pequeno largo, adequada à missa recôndita e anônima.

Às oito horas parou um *coupé* à porta; o laçao desceu, abriu a portinhola, desbarretou-se e perfilou-se. Saiu um senhor e deu a mão a uma senhora, a senhora saiu e tomou o braço ao senhor, atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja. Na sacristia era tudo espanto. A alma que a tais sítios atraía um carro de luxo, cavalos de raça, e duas pessoas tão finas não seria como as outras almas ali sufragadas. A missa foi ouvida sem pêsames nem lágrimas. Quando acabou, o senhor foi à sacristia dar as espórtulas. O sacristão, agasalhando na algibeira a nota de dez mil-réis que recebeu, achou que ela provava a sublimidade do defunto; mas que defunto era este? O mesmo pensaria a caixa das almas, se pensasse, quando a luva da senhora deixou cair dentro uma pratinha de cinco tostões. Já então havia na igreja meia dúzia de crianças maltrapilhas, e, fora, alguma gente às portas e no largo, esperando. O senhor, chegando à porta, relanceou os olhos, ainda que vagamente, e viu que era objeto de curiosidade. A senhora trazia os seus no chão. E os dois entraram no carro, com o mesmo gesto, o laçao bateu a portinhola e partiram.

A gente local não falou de outra coisa naquele e nos dias seguintes. Sacristão e vizinhos lembravam o *coupé*, com orgulho. Era a missa do *coupé*. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos. Tudo voltou ao costume, mas a missa do *coupé* viveu na memória por muitos meses. Afinal não se falou mais nela; esqueceu como um baile.

Pois o *coupé* era este mesmo. A missa foi mandada dizer por aquele senhor, cujo nome é Santos, e o defunto era seu parente, ainda que pobre. Também ele foi pobre; também ele nasceu em Maricá. Vindo para o